TAREFA AULA 11 – LEITURA COMPLEMENTAR

FILO DE ALEXANDRIA

INTRODUÇÃO: Filo de Alexandria era um judeu da diáspora, praticante, do judaísmo, implantou o método alegórico de interpretação das escrituras. Não foi considerado pelos judeus, mas foi muito influente, inicialmente na escola alexandrina, e especialmente durante a idade média.

Filo nasceu em Alexandria, no norte do Egito, por volta do ano 20 a.C., e morreu em 50 d.C.. Frequentava Roma e tinha vários conhecidos influentes lá. Sua família era fiel ao judaísmo, apesar de viver na diáspora, sob a influência do paganismo. Ele teve um treinamento filosófico grego, que amparava suas explicações, intuições e devoções, mas permanecia religiosamente leal ao judaísmo. Filosoficamente falando, Filo era uma mistura de platonista e estóico. Sua Bíblia era a Septuaginta, e provavelmente falava somente o idioma grego.

AS OBRAS DE FILO:

Seus leitores eram praticamente do círculo intelectual, era escritor prolífico, porém monótono, não obstante, profundo. Destes escritos observa-se claramente seu método interpretativo alegórico.

Escritos diversos (ou históricos, não bíblicos): Hipotética (defende o judaísmo e suas instituições); Todo homem bom é livre (defende que toda virtude é espiritual e todo vício é físico, eleva os essênios); A vida contemplativa (fala dos “terapeutas”, uma ordem monástica localizada nas proximidades de Alexandria); Contra Flaco (é o registro do holocausto de judeus promovido por Flaco, e descreve de forma histórica e teológica, mostrando o fim dos inimigos dos judeus); A representação a Gaio Calígula (novamente narra a vingança divina contra os inimigos dos judeus, neste caso, de Calígula).

Exposições bíblicas: seus comentários sobre o Antigo Testamento: A vida de Moisés (descreve as virtudes de Moisés como filósofo-rei, legislador, sumo sacerdote e profeta/escritor. Também defende a inspiração da Septuaginta); A criação do mundo (baseado em Gênesis 1, fala da criação Ex-Nihilo e da providência e controle divinos sobre o mundo, mas num tom platônico); Sobre Abrahão (uma continuação do primeiro tratado, expondo sobre a lei oral, enviada por Deus diretamente aos patriarcas, e a lei escrita, recebida por Moisés no Sinai. Alguns de seus pontos conferem com a ideia da lei universal da natureza, ensinada por Paulo); Sobre o Decálogo (apesar da lei mosaica ser uma cópia escrita da lei não escrita da natureza, ela é considerada divina); A alegoria da Lei (mostra o tipo de abordagem que Filo fazia do pentateuco, e é muito monótona a leitura desta obra); Perguntas e respostas em Gênesis e Êxodo (ele primeiramente faz perguntas sobre o texto, responde de forma literal, e por fim responde de forma mais elaborada de forma alegórica).

FILO E AS ESCRITURAS:

Para ele, a Bíblia estava acima da literatura secular, e faz mais menção do pentateuco do que de outras partes das escrituras. Apesar de seu método alegórico de interpretação, Filo considerava a Bíblia como o oráculo de Deus. Para ele, a inspiração divina está por detrás da personalidade humana, mas não a anula, como acreditava no caso de Moisés e de seus escritos.

Quanto ao propósito, Filo entendia que a Bíblia não era apenas a narrativa de fatos históricos passados, mas deveria ser interpretada alegoricamente, como a maneira de aplica-la à vida do seu leitor, que o dirigirá num relacionamento com Deus, além de ser um manual para o crescimento espiritual.

A Bíblia de Filo era a Septuaginta. Ele a tinha em exclusividade, aparentemente por alguns motivos: Só falava o idioma grego, que é o da tradução do Antigo Testamento chamado Septuaginta; ou por causa do status dessa versão entre a dispersão; ou porque a lei só poderia ser levada a toda a humanidade no idioma grego; ou por considera-la tão autoritativa e inspirada como a versão hebraica.

O MÉTODO EXEGÉTICO DE FILO:

Sua labuta deu-se em duas frentes: contra os “alegoristas extremos”, que interpretavam tudo de forma alegórica, mesmo as porções que deveriam ser entendidas literalmente; e contra os “literalistas”, que em seus exageros, acabavam até por interpretar passagens que demonstram antropomorfismo, como se Deus fosse homem. Ele buscava um equilíbrio entre a alegoria e o literalismo. Mas defendia sempre o sentido alegórico, alegando que por detrás da interpretação literal, há um sentido superior e alegórico.

Assim, sua visão interpretativa das escrituras é comparada ao relacionamento corpo/alma, em relação aos sentidos literal/alegórico, porém, sempre alegando que o mais importante era o alegórico, demonstrando seu sentimento platonista.

O CARÁTER DA ALEGORIA DE FILO:

O termo alegorizar vem do grego, que significa: “ele quer dizer alguma outra coisa”, que é exatamente como Filo interpretava as escrituras. Daí, interpretar alegoricamente é buscar no texto um sentido oculto, que não se deduz dele aparentemente. Mas ele não se detinha nestas duas formas de interpretação. Algumas vezes Filo expandia o texto, parafraseando, e não usando do método alegórico, nem do literal.

A exemplo dos defensores de Homero, Filo utilizava o método de alegoria para interpretar passagens difíceis das escrituras, especialmente aquelas que são atribuídos sentimentos humanos a Deus. Mas ele usa este método constantemente, até mesmo atribuindo algum sentido a nomes próprios ou números da Bíblia.

A GRANDE ALEGORIA:

Filo amarrava suas ideias ou interpretações à uma maior, que seria a jornada rumo a perfeição espiritual, dando-lhes consistência e unidade, diferentemente dos demais alegoristas. Ele tinha o pentateuco como sua cola de interpretação, e acabava negando alguns fatos históricos das escrituras, alegorizando por completo.

Para atingir a perfeição espiritual, Filo entendia que o processo se dava de duas maneiras: por dons inatos (como o chamado dos patriarcas), e por intermédio da Lei, que Deus deu a todo o seu povo.

Ele faz com que cada parte do pentateuco se encaixe; cada personagem, fato, instituição, evento, se acomoda a grande alegoria. Assim, ele interpreta as escrituras nos moldes de Platão e do estoicismo, apesar de nunca ter reconhecido isto.

FILO E O NOVO TESTAMENTO:

Um dos autores do Novo Testamento que supostamente poderiam ter usado o método de Filo, é o apóstolo Paulo. Mas, quanto ao método de interpretação, há muitas diferenças, tais como: Paulo quase nunca usa alegoria (na maioria das vezes ele usa o Antigo Testamento em seu contexto histórico e literal); Paulo e Filo tem pressupostos totalmente diferentes (ele afirma que a Lei, os Escritos históricos e os Profetas se cumprem em Cristo, que é o centro das escrituras); Paulo tem consciência escatológica (ele aponta para o fim dos tempos que chegaram em Cristo e a igreja, que é o cumprimento cabal das escrituras).

Seus conceitos teológicos também diferem, pois enquanto o Logos de Filo é atemporal e desconectado da história, o Cristo de Paulo é um evento histórico.

CONCLUSÃO:

A hermenêutica de Filo nos ajuda a entender como o método alegórico foi aplicado nos tempos pré-apostólicos, e influenciaram estudiosos cristãos influentes, chegando a ser o método interpretativo dominante na idade média dentro da igreja cristã.

Além disso, deduzimos que dificilmente os escritores do Novo Testamento foram seguidores de Filo, mas a fonte hermenêutica dos apóstolos foi o método de Jesus.